

## **Por uma pedagogia dos adversários internos e externos no futebol: experiências na Grêmio Antifascista e Tribuna 77**

RENATO LEVIN-BORGES<sup>1</sup>

### **Introdução**

O futebol como espaço de disputa ético-política passou a ser reconhecido como produtor de conhecimento legítimo pela academia há alguns anos, entretanto, nas arquibancadas ao redor do mundo o futebol como dispositivo de embate e resistência possui décadas de história. Torcidas organizadas em torno de bandeiras como o antifascismo, entretanto, surgem em meados dos 80 com especial destaque ao Sankt Pauli de Hamburgo, Alemanha. De lá para cá a relação de torcidas europeias posicionadas politicamente aumentou significativamente, tanto aquelas com orientação à esquerda quanto à direita. Se de um lado da margem política se constituíram fortemente as bancadas do Sankt Pauli (Alemanha), Livorno (Itália), Celtic (Escócia), Rayo Vallecano (Espanha), do outro lado não faltam torcidas engrossando as fileiras da direita e extrema-direita como é o caso dos ultras da Lazio (Itália), Hellas Verona (Itália), Zenit (Rússia), Chelsea (Inglaterra), Real Madrid (Espanha), dentre outros.

Entretanto, a politização das arquibancadas na América do Sul levou mais tempo para emergir e no caso brasileiro o fenômeno das torcidas antifascistas pode ser situado entre os anos de 2012 a 2014 com a criação de páginas vinculando clubes a pautas antifascistas. Buscaremos neste artigo constituir três momentos: primeiro, trataremos da noção de inimigo na obra nietzscheana para traçarmos dois tipos de postura ante os adversários, uma de expediente das forças ativas e outra de viés reativo conectando-as com os conceitos de fascismo e microfascismo para delinear os adversários externos e internos no futebol. A partir daí, trataremos sucintamente de onde falamos sob inspiração metodológica da Teoria Ator-Rede de Bruno Latour; em um terceiro momento, traçaremos uma breve história da Grêmio Antifascista e Tribuna 77, suas influências, o legado da torcida LGBT pioneira no Brasil e gremista Coligay, trazendo algumas experiências, ações, táticas e estratégias operadas por ambos movimentos dentro e fora da Arena do Grêmio.

Sinto-me no dever de demarcar preliminarmente quais posições ocupo nestes coletivos e tramas de experiências da Grêmio Antifascista e Tribuna 77: produtor de

---

<sup>1</sup> Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, professor de Filosofia no ensino municipal de Porto Alegre, membro da banda de punk rock Estive Raivoso e membro da Grêmio Antifascista e Tribuna 77. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

conteúdo, torcedor assíduo na arquibancada, proponente de ações e ideias, todas estas posições, paradoxalmente, dizem pouco ou nada sobre a minha atuação individual nestes agrupamentos uma vez que habito estes lugares sempre enquanto multidão (e por isto escrevi em primeira pessoa do plural, subsumindo aí a escrita da primeira pessoa do singular). Advertimos desde já que não acreditamos na produção de verdade, mas em regimes de verdade dentro de determinados contextos. Assim sendo, rejeitamos a concepção de verdade como objetividade e desvelamento do real que subjaz e se esconde sob as aparências. Consequentemente, não cremos no pesquisador como observador à parte do que investiga, muito antes pelo contrário, afirmamos nossa pertença enquanto agente e parte da multidão destes movimentos, ou seja, não há aqui um pesquisador que se inseriu nestes grupos para *extrair* qualquer sorte de conhecimento: há nestas linhas um torcedor gremista engajado na busca por constituir perspectivas a partir de sua presença nestes espaços. Dito de outro modo, habitamos a Grêmio Antifascista e a Tribuna 77 por afeto e desejo antes de qualquer outra coisa.

## **1 Pedagogia dos adversários internos e externos: como não ser reativo com o rival**

Quero passar por vastos mares como uma exclamação ou grito de alegria, até encontrar as ilhas bem-aventuradas, onde moram os meus amigos... E, entre eles, meus inimigos!

Como eu os amo agora a quantos posso falar! Meus inimigos também formam parte da minha ventura.

[...]

Sempre está pronta a servir-me a lança que lanço contra meus inimigos. Como agradeço aos meus inimigos por poder lançá-la de novo! (NIETZSCHE, 2014:107).

O filósofo alemão Friedrich Nietzsche tratou da questão do inimigo constituindo dupla tipologia deste enquanto expediente da sua teoria das forças ativas e reativas. Intentaremos agora delinear a concepção dupla de inimigo sob a ótica das forças reativas que tomam o rival como opositor e sob o entendimento das forças ativas do inimigo enquanto adversário para compreendermos quem são os inimigos externos e internos, assim como as possibilidades de torção dos modos reativos aos ativos tendo na pauta antifascista o dispositivo capaz de gerar tal câmbio.

## 1.1 O adversário externo: como lidar com o rival

Nietzsche afirma que somos compostos de forças de dois tipos: as ativas, estas que aumentam nossa potência, ou seja, acrescem a capacidade de afetarmos e sermos afetados pelo mundo nos levando necessariamente ao agir, e forças reativas, despotencializadoras da vontade, diminuidoras da capacidade de afetar e ser afetado que levam ao apartamento do agir e consequente barragem da ação. Estes processos reativos que osbtaculizam o agir, tanto o físico quanto o ato de pensamento, despotencializam o querer e fabricam, segundo Nietzsche, os dispositivos do ressentimento e da má consciência. Ao cabo, são as forças que nos compõem que avaliam o que nos afeta e o que afetamos, ou seja, são elas que constituem nossas impressões sobre o mundo e nossas valorações. Resumidamente, os processos de avaliar e criar valores são desdobramentos do embate entre nossas forças ativas e reativas: “Se nos perguntamos: “Quem interpreta?”, respondemos: A vontade de potência; é a vontade de potência que interpreta.” ou seja, “interpretar é determinar a força que dá um sentido à coisa. Avaliar é determinar a vontade de potência que dá um valor à coisa.” (DELEUZE, 1976:27)

No livro “Nietzsche e a Filosofia” de 1962, Gilles Deleuze (1976:30) caracteriza a força reativa como “força separada do que ela pode, que nega a si mesma ou se volta contra si”, enquanto paralelamente a força ativa é “plástica [...] força que afirma sua diferença, que faz de sua diferença um objeto de gozo e de afirmação.” Dito de outra maneira, as forças reativas são aquelas que buscam diminuir a potência e para isso, não incidem somente sobre o sujeito mas voltam-se ao exterior e logram seu objetivo de despotencialização através da postulação de critérios universais normatizadores pois o que é reativo visa apartar o desejo do agir (já que a ação aumenta o afetar e ser afetado pelo mundo, portanto, agir significa aumento de potência). Assim sendo, as forças reativas alimentam a normatização, o padrão, a moral enquanto as forças ativas criam éticas não universalizáveis, constituem e celebram modos de vidas não normatizados que se colocam para além da moralidade vigente.

O rival entendido como oponente corresponde à perspectiva reativa do inimigo na tipologia de Nietzsche em nossa hipótese. Neste viés reativo, o rival é alguém que não só deve ser vencido, mas absolutamente negado, subjugado, desprezado, e em termos finais, eliminado. Para levar a cabo essa tarefa, as forças reativas constituem um mundo dual, generalizante e maniqueísta do tipo nós (bons) versus eles (maus).

Tomemos por exemplo os mais de 6 milhões de gremistas (LANCE!, 2018): ninguém duvida que tratamos de pessoas com hábitos, desejos, posições políticas, condições econômicas e sociais diversas, entretanto, sob a perspectiva reativa, essas multiplicidades serão diluídas na abstrata ideia universal de “gremista”. Se essa categoria for determinada por um torcedor do Grêmio – adotando a lógica reativa do dualismo, da generalização e do maniqueísmo – o gremista será o sujeito portador de valores positivos, encarnação do verdadeiro e moralmente superior tipo de torcedor enquanto a categoria do rival “colorado” tomará os aproximadamente 5,6 milhões de torcedores como ruins, maus e portadores dos mais diversos valores negativos. Assim sendo, o rival é o *oponente* que deve ser negado e eliminado porque passa a ser uma espécie de espantinho dos valores negativos. Indo um pouco mais além, esta estrutura de pensamento e valoração são expedientes do conceito de ressentimento na obra de Nietzsche onde, resumidamente, o outro é objetificado e tornado culpado por toda e qualquer desventura ou desprazer que acometa o ressentido, este, por sua vez, deseja que àquele que dirige seu ressentimento seja negado e eliminado: “[...] Não é próprio de almas vulgares imaginar sempre mau um inimigo?” (NIETZSCHE, 2007:63)

Entretanto, é possível constituir o inimigo a partir das forças ativas que, segundo nossa hipótese, tornam-no adversário, ou seja, obstáculo e estímulo para a superação de si e não sujeito a ser negado. Não falamos aqui em amar o adversário, mas sim do afeto de intensidade análoga e cujas fronteiras com o amor são constantemente borradas: falamos do ódio sob o viés ativo mesmo que isso possa causar estranheza e soar paradoxal. Em um primeiro momento, reconhecemos que ódio soar sempre execrável e expediente das forças negativas devido a nossas perspectivas estarem profundamente embebidas na moralidade cristã, mas Nietzsche, ao investigar a tragédia grega, argumenta que o ódio difere do desprezo uma vez que é necessário o reconhecimento de certa grandeza naquilo que se odeia - enquanto o desprezo diz respeito à relação não apaixonada com aquilo ou aquele ao qual se direciona: “Vós deveis ter somente inimigos dignos de ódio, mas não inimigos dignos de desprezo. É preciso ter orgulho de vosso inimigo. Já uma vez o ensinei.” (NIETZSCHE, 2011:187)

Honrar o inimigo neste viés é honrar a própria grandeza e há aí uma possibilidade de ódio animado por forças ativas prevalentes. O inimigo enquanto adversário é estímulo e não horizonte de esgotamento de forças, ou seja, este se afigura digno de combate e medição de forças. Tomemos uma vez mais o contexto no qual estou inserido, a rivalidade GreNal: o gremista que trata do rival Internacional através

do termo racista “macaco” é simbólico e sintomático de subjetividades gremistas animadas pelas forças reativas do ressentimento. Seu sonho mais profundo neste tipo de subjetividade é a extinção do rival, sua humilhação absoluta e definitiva. Não há gozo na superação do adversário, há alegria triste (SPINOZA, 2009) pela aniquilação do outro. Mas quanto da grandeza de Grêmio e Internacional não se deve exatamente à relação com o rival como adversário, obstáculo e estímulo constantemente posto no horizonte? Afirmamos categoricamente: tudo.

Há uma sabedoria no inimigo visto como adversário: não mais esgotamento, as estímulo; não desprezo, mas ódio; não humilhação, mas vitória. Esta relação com o adversário exterior não está apartada de nossos embates com os adversários interiores, mas num eterno ziguezaguear onde ambas ordens de inimigos são constituídas e nos subjetivam:

Um outro triunfo é a nossa espiritualização da inimidade. Ela consiste em se compreender profundamente o valor que possui o fato de se ter inimigos [...] Uma nova criação sobretudo, [...] tem os inimigos como mais necessários do que os amigos: somente na oposição ele se sente necessário, somente na oposição ele se torna necessário... Nós não nos comportamos de modo diverso frente ao "inimigo interior": também aí espiritualizamos a inimidade, também aí compreendemos seu valor. É preciso ser rico em oposições, e só pagando esse preço que se é fecundo; só se permanece jovem sob a pressuposição de que a alma não se espreguiça, não anseia pela paz... (NIETZSCHE, 2009:44-45).

Passemos então aos inimigos interiores.

## 1. 2 O adversário interno: os microfascismos

O pior inimigo, todavia, que poderás encontrar, és tu mesmo. Nas cavernas e nos bosques, és tu que espreitas a ti mesmo. (NIETZSCHE, 2011:62)

Quando falamos de fascismo, via de regra, pensamos nas experiências fascista e nacional-socialista na Itália e Alemanha respectivamente. Muito embora o antifascismo tenha evidentemente nos fascismos de ordem estatal seu inimigo, ou seja, no plano macro de disputa, há também um inimigo no nível micro que chamaremos de microfascismos: valores e práticas normatizantes, excludentes, objetificadores e negadoras do outro em sua diferença. Dito de outro modo, se no Estado fascismo se refere ao totalitarismo de governos como de Mussolini, Hitler, Franco, Geisel, Médici, dentre outros, há em escala micro dispositivos fascistizantes que dizem respeito às relações éticas em como cada pessoa valora e se relacionar com outrem quando busca normatizar, negar, excluir, subjugar ou oprimir este outro. Estes dispositivos de negação

da diferença do outro são propriamente os microfascismos, “algo que está em todos nós, que assombra nossos espíritos e nossas condutas cotidianas (...) que nos faz amar o poder, desejar essa coisa mesma que nos domina e nos explora.” (FOUCAULT, 1991:1-2)

Este âmbito macro de poderes como o fascismo de estado é conceituado na obra de Deleuze e Guattari (2012b) de plano molar, enquanto aquele dos valores pessoais, seus discursos e práticas, são da ordem molecular. Para melhor entendermos qual o plano de conceituação do microfascismo:

O conceito de Estado totalitário só vale para uma escala macropolítica, para uma segmentaridade dura e para um modo especial de totalização e centralização. Mas o fascismo é inseparável de focos moleculares, que pululam e saltam de um ponto a outro, em interação, antes de ressoarem todos juntos no Estado nacional-socialista. Fascismo rural e fascismo de cidade ou de bairro, fascismo jovem e fascismo ex-combatente, fascismo de esquerda e de direita, de casal, de família, de escola ou de repartição: cada fascismo se define por um microburaco negro, que vale por si mesmo e comunica com os outros, antes de ressoar num grande buraco negro central generalizado. [...] Mesmo quando o Estado nacional-socialista se instala, ele tem necessidade da persistência desses microfascismos que lhe dão um meio de ação incomparável sobre as 'massas'. (DELEUZE; GUATTARI, 2012<sup>a</sup>:100-101).

Microfascismo, portanto, diz respeito a valores subjetivos de avaliação e percepção do mundo e do outro, gerando práticas e discursos que agenciam, reagrupam e recolocam em marcha os mesmos mecanismos que constituem o maquinário subjetivo microfascista. Estes processos que criam os valores de como percebemos as coisas, o mundo e os outros são chamados na obra foucaultiana de modos de subjetivação. Em uma arquibancada somos reiteradamente colocados à prova: como provocarei o adversário? Com ironias e sarcasmos em um viés ativo ou reativo? As palavras que lançarei à arquibancada do torcedor visitante serão sobre grandes vitórias do meu time sobre o rival e seus eventuais vexames dentro de campo ou serão marcadores do ressentimento como ofensas homofóbicas, racistas e classistas?

Muito embora tratemos aqui de conceitos filosóficos, defendemos a concretude que a filosofia possui quando se desdobra no real em exemplos simples como o mencionado acima. O que queremos dizer recorrendo a outro exemplo é que há um oceano de diferença entre o gremista que lembra os 5 a 0 no GreNal de 2016 a um colorado daquele que grita “macaco” para a arquibancada rival, assim como há um abismo entre o colorado que responde lembrando os 5 a 2 aplicados no Grêmio em 1997 daquele que chama o gremista de gazela ou relembra a Coligay num viés homofóbico,

buscando diminuir o rival pela suposição de que gays, de algum modo, são tipos humanos inferiores.

Tratamos, portanto, do fascismo em seu caráter duplo, pois este age concomitantemente para fora e para dentro porque é “[...] uma potência micropolítica ou molecular que torna o fascismo perigoso, porque é um movimento de massa: um corpo canceroso mais do que um organismo totalitário” conforme Deleuze e Guattari (2012<sup>a</sup>:101) argumentam.

Uma vez compreendido o que tomamos pelos dois tipos de fascismos, passemos rapidamente à metodologia aqui empregada e ao movimento Grêmio Antifascista e ao coletivo de torcedores Tribuna 77.

## **2 Breve defesa de onde e como falamos**

Ao tratarmos logo a seguir do surgimento e de algumas experiências nos coletivos Grêmio Antifascista e Tribuna 77, me valerei das minhas próprias vivências e experiências como parte de ambos coletivos sempre a posição de terceira pessoa do plural, pois um eu que fala é sempre uma multidão. Neste sentido, o aporte metodológico dos relatos estará ancorado teoricamente na Teoria Ator-Rede de Bruno Latour. Como não cabe aqui aprofundarmos a discussão sobre o método latouriano, daremos uma breve imagem da metodologia a partir do trecho em sua obra “Reagregando o Social”:

[...] lembra o que um cartógrafo faz quando procura registrar a forma de uma costa estrangeira num pedaço de papel. Poderia se esforçar para dar aos diversos relatórios enviados pelos exploradores um formato geométrico - as baías devem ser círculos, os cabos devem ser triângulos e os continentes devem ser quadrados. Mas, após constatar a tremenda mixórdia criada por esses registros, nenhum dos quais se adapta perfeitamente a formas predeterminadas, ele acatará com gosto qualquer proposição que substitua a busca de rigor geométrico por uma grade cartesiana totalmente abstrata. Depois, usará esse esquema vazio para, com a maior paciência, esboçar a própria costa, desenhando-a na forma tortuosa que a história geológica lhe imprimiu. Embora possa parecer tolo registrar todos os pontos relatados simplesmente por latitude e longitude, mais tolo ainda seria insistir em que sejam conservados apenas os dados enquadráveis num formato geométrico predeterminado. (LATOUR, 2012:45).

Passemos sem mais delongas a quem são e como atuam Grêmio Antifascista e Tribuna 77.

### 3 Grêmio Antifascista

A Grêmio Antifascista nasceu como resposta ao incidente que ficou conhecido como “caso Aranha”, fato este que ocorreu na noite de 28 de agosto de 2014 na Arena do Grêmio onde o dono da casa recebia o Santos pelas oitavas de final da Copa do Brasil. O jogo - que terminou com vantagem santista de 2 a 0 - ficou marcado pelas ofensas racistas dirigidas ao goleiro Aranha do Santos Futebol Clube (ESPN, 2014) por alguns torcedores gremistas. Patrícia Moreira, Fernando Ascal, Éder Braga e Rodrigo Rychter foram flagrados pelas câmeras do estádio gritando “macaco” em direção ao goleiro e acabaram sendo indiciados por injúria racial - caso que, em menos de três meses após a condenação, foi encerrado por acordo brando no qual os quatro torcedores deveriam se apresentar uma hora antes de cada jogo pelo período de dois anos em uma delegacia de polícia (LEAL, 2014).

A repercussão do caso na mídia gaúcha em quase sua totalidade, assim como a reação da torcida gremista em sua maioria foi a de culpabilizar a vítima Aranha sob a alegação de ele querer se promover às custas do episódio. Poucos dias após o incidente E.M.<sup>2</sup>, torcedor não residente no estado do Rio Grande do Sul, criou a página Grêmio Antifascista que se manteve desconhecida do grande público até a visita do então deputado federal Jair Bolsonaro (à época no PP, atualmente no PSL) à capital gaúcha em 26 de janeiro de 2016, ocasião na qual foi fotografado segurando a camiseta do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

Nesta ocasião, o movimento Grêmio Antifascista lançou a seguinte nota:

O Grêmio é do povo e o povo é múltiplo e diverso, tudo que o neo-fascista e negacionista da tortura do golpe militar Bolsonaro odeia.

Bolsonaro é do PP, partido com mais indiciados na Operação Lava-Jato e colega de sigla do Luis Carlos Heinze que afirmou recentemente o seguinte: "Quilombolas, índios, gays, lésbicas são tudo que não presta." Está no partido certo ao lado de seus pares.

É uma vergonha para nosso estado recebê-lo, e uma vergonha dupla vê-lo segurando a camiseta do nosso clube.

Não esqueçamos nossa história: o Grêmio é o clube que em 1977 teve a primeira torcida gay no Brasil e devemos lembramo-nos de nosso passado e presente plural para rechaçarmos esse fascistóide que vem aglomerando os desejos de uma classe média cansada de si mesma, abandonada no vácuo do consumismo e já incapaz de criticismo.

Jair Messias Bolsonaro, essa camiseta é para negros, brancos, gays, lésbicas, transexuais, muçulmanos, judeus, ateus, cristãos, umbandistas,... de todos, menos do senhare dos teus asseclas igualmente fascistas.

Racistas, fascistas e machistas não passarão! (GRÊMIO ANTIFASCISTA, 2016).

---

<sup>2</sup> O nome foi alterado pela sigla E.M. para salvaguardar o anonimato e segurança física e psicológica do mesmo.



Logo após lançar este manifesto a página passou de aproximadamente 300 curtidas para mais de 11.000 seguidores. Mais que isto, o referido texto teve mais de 4,5 mil compartilhamentos. Tamanha repercussão suscitou amplo debate entre torcedores do Grêmio e de outras equipes sobre o uso que o político em questão tenta operar buscando se vincular aos clubes de futebol dada a relevância e importância do esporte na subjetivação e constituição da identidade de grande parte dos brasileiros. Nesta polêmica o movimento (que já começara a se articular para possuir materialidade na arquibancada através do “trapo” antifascista que passou a sempre estar presente, a partir de abril de 2016, na Tribuna 77) tornou-se alvo de atenção, especialmente – e obviamente - entre torcedores do Grêmio. Mensagens de apoio e adesão ao movimento surgiram em grande número, assim como, por outro lado, reações odientas por parte de setores conservadores da torcida emergiram e mantêm-se constantes, quase sempre transitando entre a busca por exposição dos membros do movimento até ameaças de agressão física. O que parece evidente nesta projeção é que temas tidos por tabus não debatidos de modo mais amplo e aberto dentro da torcida gremista, como a carga racista nos cânticos contendo o termo “macaco”, a política higienista e elitizante da “arenização” do futebol brasileiro, o machismo e lgbtfobia nas arquibancadas, passaram à ordem do dia, tornando-se propriamente enunciados. Os temas polêmicos passaram então a serem debatidos, levando consigo não somente novos ares progressistas ao Grêmio e ao futebol brasileiro de modo geral, como também a esperada reação reativa tradicional do conservadorismo político através do mantra do apolítico pregoando que futebol e política não devem jamais se misturar. A estratégia do apolítico - para além da impossibilidade real de existência de algum âmbito humano que exclua relações políticas - busca mascarar as relações de poder, subjugações e opressões que ocorrem nas arquibancadas sob a pretensa neutralidade do espaço onde o único propósito de sua existência seria o de torcer para o clube em um plano mítico de igualdade de acesso e manifestação por parte de todos torcedores-clientes.

O movimento Grêmio Antifascista tornou-se espaço de congregação de torcedores e torcedoras que compartilham dos princípios antifascistas (luta contra o racismo, machismo, LGBtfobia, elitização e embranquecimento dos estádios), assim como se tornou espécie de dispositivo problematizador e de disputa no âmbito discursivo.

A materialização do movimento antifascista nas arquibancadas da Arena do Grêmio passa pela relação construída com a torcida Tribuna 77 e que constitui outro

desdobramento marcante da enunciação de pautas progressistas na torcida gremista. Para compreendermos melhor em qual plano a disputa antifascista se insere dentro da torcida do Grêmio atualmente, passemos à Tribuna 77 que, em certa medida, permanecerá indissociável e em estado permanente de fronteiras borradas com a Grêmio Antifascista.

#### **4 Tribuna 77**

A Tribuna 77 é um coletivo multicultural de torcedores gremistas que se reúnem na Superior Norte, portão 438, nas entradas V e R da Arena do Grêmio. A torcida/coletivo começou a ser gestada no ano de 2012 no portão 13 do Estádio Olímpico Monumental, ano da transição da tradicional “cancha” erguida em 1954 - e palco inesquecível e indelével no imaginário de cada torcedor do Grêmio – para a nova e “moderna” Arena. A Tribuna 77 foi criada neste ano de transição que para muito foi uma mudança extremamente traumática, simbolizando a guinada em definitivo do clube para o modelo de “arenização”: estratégia de inspiração neoliberal aplicada ao futebol onde a higienização econômica, racial e comportamental está embutida em seu bojo.

Entretanto, quando falamos do Grêmio, falamos do clube mais popular do sul do Brasil cuja torcida se afigura o maior contingente de aficionados desta região no país (FOLHAPRESS, 2018) com estimativa de aproximadamente 6,5 milhões de torcedores. Portanto, trata-se do time mais popular do sul brasileiro, possuindo maior número de torcedores em todas as classes sociais do estado do Rio Grande do Sul (AMANHÃ, 2018). Tendo em vista que tratamos de um clube popular e de massas como o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, o processo de afastamento do povo das arquibancadas do clube teve como marcador simbólico a assinatura do contrato de transição do Estádio Olímpico para a Arena do Grêmio entre o então presidente Paulo Odone (político das fileiras do PPS do estado do Rio Grande do Sul) e a construtora OAS.

Sabedores do que essa mudança de estádio sob o discurso da modernização acarretaria, um grupo de torcedores (em sua maioria provenientes da cidade de Novo Hamburgo, região metropolitana de Porto Alegre) resolveu criar um coletivo de torcedores: nascia aí a Tribuna 77. O nome da torcida é composta por dois elementos: o primeiro faz referência à cultura sul-americana de chamar em castelhano arquibancada de tribuna; já o número 77 faz menção a data de 1977, ano simbólico de quebra da hegemonia de títulos regionais do rival Internacional e ano de surgimento da Coligay

(grupo de torcedores assumidamente homossexuais, pioneira no Brasil, que passou a frequentar as arquibancadas do Olímpico durante a ditadura sob o respaldo do patrono Hélio Dourado, presidente do Grêmio na ocasião).

Foi buscando o resgate da história multicultural e popular do clube que foi criada a Tribuna 77 cujas pautas de inclusão e redemocratização do futebol a aproximou de partida ao ideário antifascista - que compreende em seu escopo a demanda pela redemocratização dos espaços. Não por acaso, o mote da Tribuna 77 é “memória, identidade e cultura de Grêmio”, dando a entender a busca pelo resgate de figuras e momentos emblemáticos da história do clube sob o prisma da promoção da identidade multicultural gremista. Neste sentido, o grupo que transita entre torcida, coletivo e movimento, atua para além da arquibancada, tendo já organizado dois saraus e participado de eventos na UFRGS debatendo mercantilização do futebol e resistência nas arquibancadas.

Dentre as inúmeras atividades como manifestações pró-ocupações das escolas pelos secundaristas, memória do Levante do Gueto de Varsóvia, homenagem à comunidade LGBT quando da chacina na boate Pulse nos Estados Unidos, tributo à Eduardo Galeano, Hélio Dourado e Muhammad Ali quando de seus falecimentos, destacamos aqui três momentos que causaram grande mobilização, apoio e oposição por parte dos torcedores gremistas: a homenagem à Coligay, Marielle Franco e o manifesto pelo fim do termo “macaco” nos cânticos da torcida.

Surgida no ano de 1977, a primeira torcida de homossexuais nas arquibancadas do Brasil foi criada no Grêmio por Volmar Santos, dono à época da boate LGBT Coliseu em Porto Alegre. A torcida, que durou até 1979 quando Volmar se mudou para o interior, tornou-se motivo de chacota homofóbica por parte dos rivais, em especial dos torcedores do rival Internacional. Se a perspectiva do torcedor médio (modulação futebolística do cidadão de bem) sempre foi considerar a Coligay sob o prisma negativo, para a Grêmio Antifascista e Tribuna 77 o viés era exatamente oposto pois a torcida gay se afigurava como marco excepcional de inclusão e multiplicidade em um estádio de futebol brasileiro. Por tudo que representa, a Coligay tornou-se referência para ambos movimentos que resolveram em 2017 prestar homenagem aos 40 anos da criação desta. Assim sendo, a Tribuna 77 preparou um grande “trapo” para homenagear a icônica torcida que foi tremulado em 12 de abril de 2017, noite na qual o tricolor gaúcho venceu o chileno Deportivo Iquique em jogo válido pela fase de grupo da Libertadores. A foto do trapo levantado pela torcida circulou pelas redes, mesmo durante esta partida, foi

perceptível alguns olhares reprovadores lançados aos integrantes dos movimentos, assim como se ouviram ofensas proferidas à 77. Por outro lado, tanto durante o jogo quanto posteriormente nas redes sociais, muitas mensagens de apoio foram enviadas aos dois grupos, inúmeros textos em páginas pessoais, jornais e blogs foram escritos exaltando esta homenagem à Coligay, colocando o modo da torcida gremista ver esta torcida (ou recalcar sua memória) de novo em pauta, gerando debates, reflexões e criação de outras perspectivas e posturas para com o legado da pioneira torcida gay gremista.

Assim como a polêmica envolvendo o legado da Coligay, o termo “macaco” nos cânticos da torcida do Grêmio é um dos grandes tabus intocados por décadas dentro do clube. Entretanto, Grêmio Antifascista e Tribuna 77 acreditam que já era hora desta expressão ser interpelada e questionada. Para dar conta desta tarefa, foi lançado um manifesto por parte da Tribuna 77 em parceria com a Grêmio Antifascista elencando cinco motivos para não ser mais cantada a expressão “macaco”. O manifesto obteve tamanha repercussão através da veiculação na grande mídia que chegou ao conhecimento do Ministério Público do Rio Grande do Sul. Este, por sua vez, instou a direção do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre a se posicionar. Dirigentes do Grêmio acabaram por convocar uma reunião com membros dos movimentos tendo em vista discutir o combate institucional ao racismo e a avalanche de ameaças sofridas por ambos coletivos pelos mais diversos setores da torcida gremista. A reunião mostrou-se infrutífera e deixou subentendido nas entrelinhas que a grande repercussão do manifesto desagradou alguns dirigentes sob a alegação que o texto, por toda atenção que angariou, atrapalhou o cronograma de políticas de combate ao racismo por parte da instituição (em verdade, estas políticas são praticamente inexistentes). O referido manifesto argumenta o seguinte:

Pelo fim do uso da expressão "macaco"!

É perfeitamente possível torcer e fazer uma grande festa sem o uso da expressão "macaco". Incompreensível que tal expressão siga fazendo parte dos cânticos de maneira tão forte depois de tudo que já nos aconteceu. A repetição deste discurso já puniu severamente o clube e generalizou 8 milhões de torcedores. Falta algo mais?

Reiteramos nosso pedido para que os Tribuneiros e Tribuneiras que nos acompanham, silenciem quando forem entoados estes cânticos. Expressão racista não é folclore.

Abaixo, enumeramos 5 razões do porquê não cantar "macaco":

1 - Em qualquer lugar do mundo chamar alguém de "macaco" é visto como ofensa racista. Por que quando se tratam de torcedores e jogadores do Internacional seria diferente?

- 2 - Cantar músicas com "macaco" não ajuda em nada o Grêmio: os jogadores não correm mais, os rivais não facilitam o jogo, nenhum jogador se sente mais incentivado por ouvir a torcida chamar os rivais de "macaco";
  - 3 - Mesmo que tenham pessoas que defendam que no caso Gre-Nal o termo não nasceu racista, não podemos aceitar que em 2017 o termo não signifique uma ofensa racial;
  - 4 - A rivalidade Gre-Nal é mais que centenária e não diminuirá se calarmos os cantos racistas;
  - 5 - No calor do momento, principalmente no futebol, falamos e cantamos coisas sem pensar, mas ao usar o termo "macaco" reforçamos o racismo. O Grêmio já foi punido por isso (vide caso Aranha), e ninguém no estádio quer prejudicar o Grêmio, certo?
- Ao tirarmos macaco de nosso vocabulário, ajudamos a nós mesmos como pessoas e ao Grêmio. Reflitamos! (TRIBUNA 77, 2017).

Grêmio Antifascista e Tribuna 77, que já haviam angariado relativa notoriedade entre a torcida gremista, passaram a ser alvo de atenção, apoio e ódio constantes a partir deste manifesto. Os ânimos viriam a se acirrar novamente com manifestações na arquibancada destes grupos novamente no GreNal de março de 2018 após o assassinato de Marielle Franco.

Em 14 de março de 2018, ao voltar para casa, a vereadora de 38 anos eleita pelo PSOL do Rio de Janeiro Marielle Franco foi executada a tiros. Negra, feminista, lésbica, favelada e política de partido de esquerda, Marielle representava e promovia discursos de grupos historicamente marginalizados, oprimidos e subjugados. Cinco dias após o brutal assassinato de Marielle, o Grêmio recebeu em casa seu centenário rival Internacional em uma tarde onde o lado azul aplicou uma goleada de 3 a 0. O escore elástico no clássico em qualquer outro momento se tornaria o assunto da semana no estado, entretanto, este não foi o tema com maior repercussão após o jogo. Foi o “trapo” levantado pela Tribuna 77 ao lado do “trapo” da Grêmio Antifascista onde se lia em letras garrafais “Marielle Presente” que se tornou o grande alvo das atenções e debates dos torcedores. A segurança privada contratada pela OAS Arena, a Epavi, no meio do segundo tempo do clássico recolheu a faixa tomando-a como manifestação política, deixando tacitamente subentendido que racismo e lgbtfobia não são contravenções a serem combatidas no estádio, já a luta antifascista sim. As opiniões pró e contra a homenagem à Marielle se dividiram na internet: via de regra o argumento dos opositores à faixa se deu pelo fato da Marielle ser filiada a um partido de esquerda, tornando o ódio a este espectro político o fator determinante na leitura da homenagem da Tribuna, negligenciando, relativizando e minimizando o assassinato à sangue frio de mais uma mulher negra favelada vítima do racismo estrutural do estado.

Nestes três casos que evocamos acima, dentre as inúmeras manifestações e atos de ambos coletivos, pudemos demonstrar a amplidão de sentimentos e ações mobilizadas e incitadas pela presença dos “trapos” e discursos da Grêmio Antifascista e Tribuna 77 em sua busca por outra pedagogia dos adversários internos e externos no futebol.

### **Considerações finais**

Neste artigo buscamos traçar, mesmo que brevemente, a dupla articulação das experiências de resistência e promoção de discursos e práticas ligadas ao antifascismo na Arena do Grêmio sob a perspectiva de uma possível pedagogia do adversário a partir das filosofias de Friedrich Nietzsche, Gilles Deleuze e Félix Guattari.

Cremos que as práticas e discursos de ambos movimentos instauraram novos planos de disputa e contestação no espaço do futebol, constituindo novas arenas de problematização e promoção de perspectivas subjugadas e invisibilizadas que colocam em cheque o axioma profundamente ético-político do apolítico no futebol. Assim como as reações de apoio e conglomeração de torcedores crescente em torno dos movimentos aqui tratados, as manifestações de ódio e busca por eliminação e negação dos mesmos demonstra o grande engajamento que ambos coletivos causam na torcida grenista. Se em 2014, quando do caso Aranha, a contestação do termo “macaco” e a problematização do racismo nas arquibancadas tricolores se dava num âmbito privado por medo de retaliações e violências pelo simples questionamento dos usos desta expressão, com o surgimento da Grêmio Antifascista e Tribuna 77 as problematizações e críticas tornaram-se públicas e coletivas.

Concluimos com a afirmação da materialidade de uma pedagogia dos adversários nestas experiências na arquibancada, uma vez que as pautas e demandas que são abrangidas pelo antifascismo necessitam concomitantemente um trabalho voltado para a dobra interior, ou seja, a subjetividade, sede dos microfascismos, assim como o desdobrar em presença física e simbólica (dobra exterior) na criação de dimensão pedagogizante de outros torcedores que são interpelados por “trapos” e textos cujas potências são causar estranhamento e violência aos valores estratificados e estabilizados naqueles que entram em contato com estes signos, instaurando, com sorte, processos de reflexão e criação de outros modos de pensar e agir.

## Referências bibliográficas

- AMANHÃ. Ciclo virtuoso. **Top of Mind Amanhã 2018**: as marcas do Rio Grande, Porto Alegre, n. especial, p. 20, [2018]. Serviços. Publicação especial da revista Amanhã. Disponível em: <[www.topofmindamanha.com.br/caderno\\_top\\_2018.pdf](http://www.topofmindamanha.com.br/caderno_top_2018.pdf)>. Acesso em: 8 set. 2018.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 3. São Paulo: Editora 34, 2012a.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 4. São Paulo: Editora 34, 2012b.
- ESPN. Aranha é chamado de 'macaco' por torcida do Grêmio. **ESPN**, [S.l.], 28 ago. 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/Xg8s1e>>. Acesso em: 8 set. 2018.
- FOLHAPRESS. Grêmio tem maior torcida na Região Sul, seguido de perto pelo Inter. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, 13 abr. 2018. Esportes. Disponível em: <<https://goo.gl/P5Z3za>>. Acesso em: 8 set. 2018.
- FOUCAULT, Michel. **Anti-Édipo**: introdução à vida não-facista. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Anti-Édipo**. Rio de Janeiro: Hólon Editorial, 1991. Disponível em: <<https://goo.gl/KzsxLL>>. Acesso em: 4 set. 2018.
- GRÊMIO ANTIFASCISTA. [Postagem no Facebook sobre Bolsonaro e camiseta gremista]. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/uQu6Nm>>. Acesso em: 8 set. 2018.
- LATOUR, Bruno. **Reagregando o Social**. Salvador: EDULBRA, 2012.
- LANCE!. 'Datafolha-18' x L! Ibope-14: quatro maiores torcidas seguem as mesmas. **Lance!**, Rio de Janeiro, 15 abr. 2018. Disponível em: <<https://goo.gl/WuHjcj>>. Acesso em: 8 set. 2018.
- LEAL, Aline. Acordo livra gremistas de processo por injúria racial. **Agência Brasil**, Brasília, 24 nov. 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/5PykYG>>. Acesso em: 8 set. 2018.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim Falava Zaratustra**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Aurora**. São Paulo: Escala, 2007.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Crepúsculo dos Ídolos**. Porto Alegre: LP&M, 2009.
- SPINOZA, Baruch. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- TRIBUNA 77. [Pelo fim da expressão “macaco”]. 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/k1hHW9>>. Acesso em: 15 set. 2018.